

O homem: um primata híbrido

The man: a hybrid primate

WAAL, Frans de. **Eu, primata**: porque somos como somos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 331 p.

Francisco das Chagas Silva Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

“Somos mais propensos a culpar a natureza pelo que não gostamos em nós do que a dar-lhe crédito pelo que apreciamos.” Esse é o argumento central encontrado na abertura da obra *Eu, primata: porque somos como somos*, do etólogo holandês Frans de Waal. Publicada no Brasil pela Companhia das Letras, essa obra busca, conforme as palavras do autor, evidenciar os paralelos entre o comportamento dos humanos e o de outros grandes primatas, com igual consideração para com o bom, o mau e o feio.

254

Frans de Waal é professor no *Departamento de Psicologia da Universidade Emory* e pesquisador no *Centro Nacional Yerkes de Pesquisa sobre Primatas*, em Atlanta (EUA). Tem várias obras publicadas, mas apenas *Eu, primata*, foi lançada no Brasil. Desde os anos 70 do século XX, dedica-se à observação da psicologia e do comportamento social de chimpanzés e bonobos que, adverte, são diferentes de macacos, como insistimos em chamá-los.

Considerando que o nosso DNA é muito próximo ao dos chimpanzés e bonobos, De Waal ressalta o quanto temos em comum com esses primos-irmãos que fazemos questão de ridicularizar. Para que essa comparação não se torne um exercício vazio, ele o faz como um caminho para entender a natureza humana, ou “[...] o lugar da nossa espécie na natureza.” (p. 9). Podemos dizer que, em *Eu, primata*, o autor aplica os seus conhecimentos acumulados ao longo de muitos anos de pesquisas sobre essas duas espécies de primatas ao estudo do comportamento humano. É do homem que ele trata em grande parte do texto.

De acordo com De Waal, o chimpanzé e o bonobo são espécies que derivam do mesmo ancestral que deu origem ao homem. Os chimpanzés



são corpulentos, vivem em sociedades rigidamente hierarquizadas e comandadas por um macho alfa, disputam permanentemente o poder e podem usar da violência. Já os bonobos, conhecidos como *chimpanzés-pigmeus* devido à sua baixa estatura, são os primatas boas-praças. Mais sossegados, eles vivem em sociedades comandadas por uma fêmea alfa e conhecem tantas ou mais posições sexuais que o *Kama Sutra*. As relações sexuais – não só entre elementos de sexos opostos, mas também entre aqueles do mesmo sexo – são usadas para fazer alianças, conquistar o poder, distribuir os alimentos, superar as desavenças. Poderíamos dizer que os chimpanzés fazem guerra para obter sexo, enquanto os bonobos fazem sexo para evitar a guerra. Apesar das distinções ligadas à luta pelo poder, o autor destaca que uma espécie não é melhor que a outra, pois cada uma delas se adaptou da melhor forma possível para sobreviver dentro de condições ambientais diferentes.

A obra é voltada para um público não especializado e permite uma leitura prazerosa, instigante, divertida e saborosa (considerando-se que *saber* e *sabor*, segundo Barthes, têm a mesma origem etimológica). De Waal divide o seu livro em capítulos que tratam de poder, sexo, guerra e bondade, nos quais vemos o quanto é tênue, ou mesmo inexistente, o fio que separa natureza e cultura, razão e emoção, inato e adquirido, humano e não humano. Discussões sobre essas esferas, aparentemente opostas, mas que se complementam, são constantemente retomadas ao longo do texto.

A forte identificação genética entre nós e os outros primatas estudados pelo etólogo holandês tem alertado para o fato de que não podemos mais considerar que comportamentos como amor, medo, reconciliação, competição, empatia, gratidão, compaixão, produção e uso de ferramentas, dentre outros, sejam características *genuinamente* humanas. Já no século XIX, o naturalista inglês Charles Darwin notou que nossas características humanitárias baseiam-se em instintos sociais que temos em comum com os outros animais. Entretanto, mais de um século depois, as considerações de Darwin, retomadas e aprofundadas pelos estudos de etólogos, ainda constituem objeto de intensas discussões no interior da academia. Para aqueles que as aceitam, tornou-se mais fácil pleitear a nossa aproximação aos chimpanzés, dado que as brutalidades cometidas por estes contra seus próprios companheiros “comprovariam” a nossa natureza má e egoísta. A decência humana não seria uma herança, mas uma invenção, um *verniz* que encobre o assustador recheio por baixo de nossa casca.



De Waal não nos reduz aos chimpanzés ou bonobos, pois, como ele próprio adverte, as observações e os experimentos no campo da etologia indicam que toda redução é arriscada e que a herança biológica dos seres humanos é muito mais complexa do que podemos imaginar. No entanto, para ele, o estudo sobre os grandes primatas não humanos é crucial para o debate sobre a condição humana. Somos, nas suas palavras, *primatas híbridos* de chimpanzés e bonobos. Nossa *natureza bipolar* é o casamento incômodo dessas duas espécies. O apreço que temos por poder, guerra e sexo é a síntese do comportamento desses animais. Nossas contradições saltam aos olhos: se, por um lado, cometemos as maiores selvagerias, mesmo sendo dotados da capacidade de imaginar o que os outros sentem, em compensação, também podemos empreender o máximo de esforços para ajudar às outras pessoas em momentos de adversidades. Apesar de guerreamos muito, somos os campeões em manter a paz. Afirma o autor em tela que

[...] com um lado cruel e outro compassivo, é como se olhássemos o mundo com a cabeça de Jano: duas faces voltadas para sentidos opostos. Isso pode nos confundir a ponto de, às vezes, simplificarmos demais nossa identidade. Ora nos consideramos a 'jóia da criação', ora os únicos vilões de verdade no mundo. (WALL, 2007, p. 16).

Na obra, ora analisada, é atribuída uma importância ímpar à capacidade de *empatia* como definidora dos comportamentos dos grandes primatas. Ser afetados pelas necessidades ou sofrimentos do outro e, em seguida, atendê-lo devidamente não é uma qualidade apenas humana, conforme fica patente na obra. A solidariedade, o auxílio e a consolação são práticas comuns entre os primatas, conforme demonstram os muitos exemplos encontrados nesse livro. Um deles é o caso de uma bonobo que protegeu um pássaro e ajudou-o a voar. Em vista disso, De Waal ressalta que "[...] deveríamos ficar felizes com a possibilidade de a empatia ser parte da nossa herança primata, mas não temos o hábito de aceitar de bom grado nossa natureza." (p. 13).

De acordo com o raciocínio desse primatólogo, é provável que a empatia tenha evoluído ao propiciar a sobrevivência dos nossos antepassados, que, por serem mamíferos, precisavam estar atentos às necessidades de alimentação da prole. Além disso, estavam sujeitos às relações de reciprocidade, pois cuidar dos outros era, também, uma questão de interesse próprio.



De Waal faz etologia humana ao observar os nossos comportamentos na perspectiva da evolução. Nossa linguagem corporal evidencia as semelhanças que temos com os outros grandes primatas. Conversas, afagos, aproximações, posturas e mudanças no tom de voz podem revelar empatia, da mesma forma que o *grooming*, a prática de limpar e arrumar os pelos do corpo, muito usada entre os primatas para manter a coesão social, resolver conflitos, selar a paz, consolar os derrotados, reconciliar os oponentes, fazer amizades, conseguir privilégios.

Como podemos ver, a obra resenhada é fecunda e polêmica. Ela evidencia aspectos do nosso comportamento que, de tão presentes, “naturalizaram-se”, ao mesmo tempo contribui, enormemente, para o debate sobre a natureza humana e a nossa condição de primatas. É sabido que o divórcio entre natureza e cultura, com a supervalorização desta última, conduziu a uma produção intelectual que superestimou a *singularidade* humana. As chamadas Humanidades salientam que somos racionais e culturais, ao passo que os animais seriam puramente instintivos. Da mesma forma, as ciências da natureza eximem-se de falar em intenções e emoções no mundo animal. Foi devido a essa lacuna nos livros de biologia que o autor recorreu à leitura de *O Príncipe*, de Maquiavel, para melhor compreender as relações de poder entre os chimpanzés.

257

Apesar das contribuições dadas para que repensemos como espécie e como natureza, a obra não passa ao largo das críticas. Talvez a maior delas seja a tendência ao antropomorfismo. De Waal parece não se incomodar com isso, como podemos perceber em várias passagens do livro em questão. Ele considera o antropomorfismo não como um problema, mas como um artifício de que lança mão, devido à proximidade entre nós e os outros grandes primatas. Argumenta que a forma como os chimpanzés agem após as brigas, normalmente se beijando e se abraçando, não poderia ser chamada de outra coisa senão de *reconciliação*. Usar outro termo para isso seria, a seu ver, ignorar a ligação entre o comportamento daqueles primatas e a atitude humana de reatar as amizades. Para ele, a crítica tem a intenção de tornar invisível a conexão entre o comportamento humano e o animal. Tal argumento nos parece convincente, visto que é nítida a nossa preocupação em nos afastar da natureza e de qualquer aproximação ao mundo animal. Custa-nos aceitar que não apenas deixamos de ser o centro do mundo, mas também de ser a única espécie com a capacidade de criar um artefato e de ser solidária.



De Waal finaliza o seu livro com doses de otimismo ao realçar o que existe de *bom* no ser humano, contrariando o que, geralmente, tem sido feito há séculos no Ocidente. Por considerar que a natureza não costuma apresentar estados puros, ele opera o seu pensamento com base na junção e não da disjunção. Com isso, procura dar conta da multidimensionalidade da condição humana ao unir polos que se opõem, mas que agem pela dialogia: competição e cooperação, egoísmo e sociabilidade, antagonismo e harmonia. Se, num mundo bipolar, toda capacidade alude ao seu oposto, essas esferas estão estreitamente inter-relacionadas e contribuem para a sobrevivência da espécie, pois as mesmas capacidades que promovem a paz não teriam evoluído na ausência dos conflitos. Se, por um lado, somos capazes de destruir o nosso meio, por outro, possuímos o maior reservatório de empatia e de amor como jamais se viu noutra espécie. Com essas palavras, o primatólogo nos faz lembrar o mito da caixa de Pandora: ainda resta uma esperança!

258

Prof. Ms. Francisco das Chagas Silva Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte |
Mossoró
Diretoria de Educação e Tecnologia
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte | Bolsista CAPES
Grupo de Estudos da Complexidade | GRECOM
E-mail | chagas.souza@ifrn.edu.br

Recebido 28 jun. 2010

Aceito 2 ago. 2010